

AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO BANCO MUNDIAL PARA AS MULHERES

V Encontro de Iniciação Acadêmica

Raquel Barroso da Silva, Carlos Levi Souza de Jesus, Ana Catarina Pontes Lopes Vieira,
Luana Paiva da Costa, Clarice Zientarski

Mediante o grande empenho dos organismos internacionais, principalmente do Banco Mundial (BM), no que se refere à implementação de políticas que impeçam o aumento da pobreza dos países periféricos, a educação é utilizada por tais organismos como solução para os problemas que os países periféricos enfrentam. Dessa maneira, eles vêm concentrando esforços em aumentar o acesso à escolaridade dos pobres nos países periféricos. Nesse sentido, este trabalho pretende analisar como essas políticas educacionais se apresentam, visando a especificidade da educação para as mulheres e suas características. A fim de alcançar tais objetivos, utiliza-se como método de pesquisa o materialismo histórico dialético, empregando-se como metodologia o estudo de caráter bibliográfico documental. Tendo em vista que a pesquisa ainda está em processo, tem-se como resultados parciais o grande interesse que o Banco Mundial possui em relação à educação feminina, que apesar de apresentar como algo positivo, a educação que é oferecida a partir dos objetivos do BM aos indivíduos, em geral beneficiados por suas políticas, possui caráter conservador, que se traduz em uma educação empobrecida, permeada pela oferta de conteúdos mínimos, que visa à formação de mão de obra. Ademais o aumento da escolaridade feminina para o banco, tem o objetivo de diminuir a pobreza, além de estar atrelado à falsa ideia de emancipação feminina por meio das políticas educacionais, mas está ligada a exploração e ao controle dos corpos femininos. Assim, observamos o caráter contraditório da educação, que ao mesmo tempo que apresenta oferecer a possibilidade de emancipar os indivíduos, impacta no sentido de conservar os sujeitos em condições de opressão de classe, raça e gênero.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO. BANCO MUNDIAL. MULHERES.